

# SEMÂNTICA DAS EXPRESSÕES TEMPORAIS COM *HAVER*

TELMO MÓIA

(Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa)

## 1. Introdução

No presente texto discutirei aspectos semânticos das expressões temporais introduzidas pelo verbo *haver*<sup>1</sup>, usando como enquadramento formal a Teoria da Representação do Discurso (*Discourse Representation Theory*, doravante DRT), na versão de Kamp e Reyle (1993).

Na literatura sobre estas expressões temporais, têm sido referidos apenas – tanto quanto sei – casos em que o complemento de *haver* é um predicado de quantidades de tempo, como *há três anos*, *há duas décadas* ou *há muito tempo*. Todavia, o complemento de *haver* pode também ser um predicado temporal (isto é, uma expressão que designa (conjuntos de) intervalos), como em *há três domingos*, ou um predicado situacional, como em *há cinco refeições*, por exemplo. Dado que as propriedades semânticas do primeiro subtipo de expressões são consideravelmente distintas – ainda que naturalmente aproximáveis – das dos outros subtipos, farei a sua análise numa secção própria.

Convém notar que as expressões temporais com *haver* são – pelas suas propriedades mais gerais – próximas de outras em que podem igualmente ocorrer predicados de quantidades de tempo (e bem assim predicados temporais comuns ou situacionais como os referidos acima), como *dentro de* X-TEMPO, *daqui / daí a* X-TEMPO, *passado* X-TEMPO, *X-TEMPO depois de*, *X-TEMPO antes de* ou *a* X-TEMPO *de*. A propriedade semântica mais geral que parece caracterizar todas estas expressões temporais é o facto de elas definirem intervalos mediante uma operação de medição temporal – ou, como veremos, de contagem de intervalos/eventos ordenados no eixo do tempo<sup>2</sup> – a partir de um ponto definido nesse mesmo eixo, tipicamente o ponto de perspectiva temporal (PPT, ou TPpt)<sup>3</sup>. O presente trabalho centra-se – por razões de tempo, essencialmente – no

estudo das expressões com *haver*, cujas propriedades me pareceram merecedoras de uma análise autónoma. Todavia, como poderemos verificar, muitas das observações feitas são generalizáveis à classe mais vasta aqui referida, em cujo estudo mais geral serão desejavelmente integradas.

## 2. Expressões temporais com *haver* e predicados de quantidades de tempo (X-TEMPO)

### 2.1. Interpretação: aspectos gerais

As expressões temporais com *haver* podem ocorrer em (pelo menos) três contextos distintos<sup>4</sup>: (i) como argumentos (geralmente preposicionados) de predicados, não ocorrendo portanto em posição adverbial, como em (1); (ii) precedidas por uma preposição temporal – por exemplo, *desde* ou *até* – em conjunto com a qual formam uma expressão adverbial (de localização temporal), como em (2); (iii) não precedidas de preposição e ocorrendo em termos de sintaxe superficial como expressões adverbiais (de localização temporal), como em (3)<sup>5</sup>:

- (1) Os vestígios arqueológicos encontrados datam de há cem mil anos.
- (2)a. Esta cidade tem sido governada por autarcas socialistas desde há duas décadas.
- b. A venda deste medicamento era proibida até há bem pouco tempo.
- (3)a. Esse edifício foi demolido há dois anos.
- b. Hong Kong era uma ilha dasabitada há cento e cinquenta anos.

Considero que, em todas estas estruturas, os sintagmas encabeçados por *haver* são meramente **expressões designadoras de intervalos**. Os exemplos do tipo de (3) têm a particularidade, que os distingue dos restantes, de as expressões com *haver* parecerem funcionar cumulativamente como **localizadores temporais**, isto é, expressões que relacionam a situação descrita na estrutura matriz com um intervalo do eixo temporal; note-se que, em exemplos como (1), claramente essas expressões não aparecem associadas a uma função de localização temporal (de situações referidas através de uma estrutura matriz), dada a sua função argumental, e em exemplos do tipo de (2) aparecem, mas apenas de modo indirecto, visto que a localização temporal só ocorre ao nível do SP introduzido por *desde* ou *até*. Esta aparente diferença das expressões com *haver* em frases como (3) é eliminável – com óbvias vantagens em termos da elegância e simplicidade do sistema de computação – se se postular a existência nestas estruturas de um operador de localização temporal (obrigatoriamente) nulo, de valor semelhante a *em* (que representarei doravante como “ $\emptyset_{em}$ ” ou “[em]”), ao qual a função de localização temporal é directamente associada. As frases de (3) são assim interpretadas como:

- (3) a'. Esse edifício foi demolido [em] há dois anos.  
 b'. Hong Kong era uma ilha dasabitada [em] há cento e cinquenta anos.

Neste artigo, adoptarei esta análise, sem apresentar – por questões de tempo – os argumentos que a tornam, a meu ver, preferível à análise alternativa sem operador nulo. Remeto o leitor para Mória (1998), onde, a propósito de construções distintas mas aproximáveis destas (com os operadores *antes* e *depois*), invoquei argumentos que, com as adaptações relevantes, podem ser usados para defender a hipótese em apreço. Sendo as expressões de tipo “há X-TEMPO” meras expressões designadoras de intervalos – em todos os contextos em que ocorrem, incluindo os do tipo (3) acima –, ocorrem, nas representações discursivas da DRT, associadas à seguinte condição (reduzível):

- (4) [há X-TEMPO ( $t_c$ )]<sup>6</sup>

O intervalo representado por estas expressões –  $t_c$  – define-se, numa primeira aproximação, como o intervalo singular que precede o PPT na quantidade de tempo indicada por X-TEMPO<sup>7</sup>. A condição (4) deve pois ser entendida como uma simplificação do seguinte conjunto de quatro condições, que resultam da análise da estrutura interna do sintagma “há X-TEMPO”:

- (5) a. [X-TEMPO ( $mt$ )] } contributo do predicado X-TEMPO  
 b. [ $t_c = \text{beg}(t')$ ] (a *rever* adiante) }  
 c. [TPpt = end ( $t'$ )] } contributo de *haver*  
 d. [dur ( $t'$ ) =  $mt$ ]

Ou seja:  $t_c$  – o intervalo representado pela expressão com *haver* – é o ponto inicial de um intervalo  $t'$ , de duração  $mt$ , expressa por X-TEMPO, que tem como limite final o PPT.

### 2.1.1. Sobre a (im)pontualidade do intervalo representado pelas expressões com *haver*

Segundo a condição (5b) acima – [ $t_c = \text{beg}(t')$ ] –, o intervalo representado pela expressão “há X-TEMPO” é concebido como pontual (coincidindo com o início de um dado intervalo). Esta assunção não é porém incontroversa. Considerarei aqui esta questão de forma sintética, remetendo uma análise mais detalhada para trabalhos posteriores.

Numa primeira análise, intuitiva, o intervalo relevante parece ser concebido como pontual. Pode inclusivamente coincidir com o intervalo associado a um localizador pontual típico; por exemplo, uma expressão como *às 10.15h de hoje* parece remeter para o mesmo intervalo que *há (exactamente) 15 minutos*, se a enunciação ocorrer às 10.30h. Todavia, verificam-se diferenças importantes entre as expressões com *haver* e os localizadores pontuais típicos, que parecem sugerir o carácter impontual (pelo menos em determinados contextos) dos intervalos associados àquelas expressões<sup>8</sup>:

- (6)a. O Paulo esteve no hospital durante uma semana há seis meses (atrás).
- b. \*O Paulo esteve no hospital durante uma semana às 13.15 h do dia 2 de Maio de 1992.
- c. \*O Paulo esteve no hospital durante uma semana nesse momento.

(6a) parece indicar que o intervalo definido por “há X-TEMPO” –  $t_c$  – não coincide necessariamente com o intervalo que dista X-TEMPO tempo do PPT – **beg** ( $t'$ ) –, mas sim com um intervalo que rodeia **beg** ( $t'$ ) (até um certo limite, como veremos adiante). A condição (5b) deverá, em conformidade, ser substituída pela seguinte condição, menos restritiva:

$$(7) \quad [\text{beg}(t') \subseteq t_c]$$

Isto é:  $t_c$  – o intervalo representado pela expressão com *haver* – é um intervalo que rodeia o ponto inicial de um intervalo  $t'$ , de duração  $mt$ , expressa por X-TEMPO, que tem como limite final o PPT.

Esta condição é, todavia, demasiado fraca, visto que não define um limite para a extensão temporal de  $t_c$ , que exemplos como o seguinte mostram ser relevante:

- (8) O Paulo esteve no hospital durante {dois dias / ?dez semanas / \*um ano} há seis meses (atrás).

Assim, a condição (7) parece ter de ser complementada com uma condição como (7'), onde  $mt'$  – o valor do referido limite – é fixado contextualmente (podendo no caso-limite ser nulo):

$$(7)' \quad [\text{dur}(t_c) \leq mt']$$

## 2.2. Construções “há X-TEMPO” equivalentes a “desde há X-TEMPO”

As expressões temporais com *haver* têm uma particularidade interessante, que – tanto quanto pude averiguar – nenhuma outra expressão temporal do português parece ter, a saber: algumas frases em que estas expressões não são precedidas pela preposição *desde* têm uma interpretação idêntica à que se obteria com a realização expressa desta preposição. Nos contextos em que isto acontece – que procurarei descrever adiante –, as sequências “há X-TEMPO” e “desde há X-TEMPO” parecem estar em variação livre (eventualmente condicionada por preferências estilísticas). Veja-se o exemplo (9) abaixo e os dois exemplos documentados a seguir, o primeiro sem *desde*, o segundo com realização desta preposição:

- (9) o Paulo mora em Paris { há três meses  $\Leftrightarrow$  desde há três meses }
- (10) “É de facto numa espécie de sonho que os franceses vivem há três semanas.” (*Visão*, 14.12.95, p. 15)
- (11) “A cidade de Díli está desde há duas semanas mergulhada num clima de especial terror.” (*Visão*, 19.10.95, p. 6)

Uma análise possível destas frases sem *desde* – aparentemente a mais simples, mas porventura inadequada – consiste em considerar que elas envolvem

elipse da preposição *desde*. A questão é complexa e não assumirei aqui uma posição definitiva sobre ela<sup>9</sup>. Todavia, independentemente da análise adoptada, a equivalência entre as duas construções acima referidas tem como consequência que a expressão não-preposicionada “há X-TEMPO” – que podemos representar com a forma genérica “ $\emptyset$  há X-TEMPO” – pode ser interpretada de duas maneiras distintas, colocando o problema da identificação automática (por um sistema de computação) do valor relevante<sup>10</sup>:

- (12) a. “ $\emptyset_{em}$  há X-TEMPO” (em frases como (3), de acordo com a análise defendida em 2.1)  
 b. “ $\emptyset_{desde}$  há X-TEMPO” (em frases como (10))

(NB: por facilidade, usarei doravante a representação “ $\emptyset_{desde}$  há X-TEMPO” para a sequência não preposicionada “há X-TEMPO” nos casos em que a sua interpretação é equivalente à da sequência “desde há X-TEMPO”, sem que isso queira significar que postulo a presença de uma preposição nula nestas construções)

Duas diferenças básicas entre (12a) e (12b) – uma de natureza semântica, outra de natureza estritamente sintáctica – foram já observadas: no primeiro caso, a expressão com *haver* representa o próprio intervalo de localização; no segundo, a fronteira inicial do intervalo de localização (se assumirmos uma análise com elipse de *desde*) ou a duração que a situação descrita tem no PPT (se assumirmos uma análise sem elipse de *desde*); no primeiro caso ainda, nenhuma preposição pode ser inserida antes de *há*; no segundo, a preposição *desde* pode (em princípio) ser livremente inserida nessa posição sem se alterar a interpretação.

O que é interessante observar é que, nalguns contextos, a sequência “ $\emptyset$  há X-TEMPO” só pode ter uma das duas interpretações, enquanto noutros pode ter ambas, estando portanto na origem de frases ambíguas. Considerarei as várias possibilidades de interpretação, sucessivamente: em primeiro lugar, a interpretação obrigatória de “ $\emptyset$  há X-TEMPO” como “ $\emptyset_{desde}$  há X-TEMPO”; em segundo lugar, a interpretação obrigatória de “ $\emptyset$  há X-TEMPO” como “ $\emptyset_{em}$  há X-TEMPO”; em terceiro lugar, os casos de ambiguidade de interpretação.<sup>11</sup>

A primeira situação – que equivale normalmente à opcionalidade de realização da preposição *desde* – parece verificar-se (pelo menos) nas frases com localização temporal durativa – portanto, com descrições de situações atéllicas – em que o tempo verbal da frase-matriz expressa um dos seguintes dois valores<sup>12</sup>: (i) sobreposição a PPT – presente (cf. (9)-(11)), pretérito imperfeito (com uma excepção que discutirei adiante<sup>13</sup> – cf. (13)) ou futuro imperfeito (cf. (14)), neste último caso com preferência pela omissão de *desde*; (ii) possível sobreposição a PPT – pretérito perfeito composto (cf. (15)) –, embora neste caso pareça haver forte preferência pela não-omissão de *desde*<sup>14</sup>.

- (13) Quando visitei o Paulo pela última vez, ele estava em Paris (desde) há três meses.
- (14) Quando eu visitar o Paulo em Agosto, ele já estará a viver em Paris (desde) há três anos.
- (15) O Paulo tem estado doente {desde há / ?há} mais de três meses.

A ausência de preposição não gera ambiguidade nestes contextos com localização durativa e formas de sobreposição a PPT, dado que a interpretação de “ $\emptyset$  há X-TEMPO” como “ $\emptyset_{em}$  há X-TEMPO” é bloqueada pela discrepância entre o valor de sobreposição a PPT introduzido pelo tempo verbal e o valor de anterioridade a PPT requerido pela forma “ $\emptyset_{em}$  há X-TEMPO”.

Passemos agora aos contextos em que “ $\emptyset$  há X-TEMPO” é invariavelmente interpretado como “ $\emptyset_{em}$  há X-TEMPO” (NB: nalguns dos contextos a seguir apresentados, a preposição *desde* pode também ocorrer, mas tem de ser obrigatoriamente explicitada; na sua ausência, a preposição “recuperada” é sempre [*em*]). Esta situação verifica-se nos contextos em que a realização da preposição *desde* remete para um dos seguintes três tipos de localização temporal: (i) localização durativa com anterioridade próxima a PPT (isto é, em que a frase-matriz descreve uma situação atélica e o seu tempo verbal expressa anterioridade a PPT) – cf. (16a)<sup>15</sup>; (ii) localização inclusiva – cf. (17a)<sup>16</sup>; (iii) localização durativa derivada – cf. (18a)<sup>17</sup>. Vejam-se os três pares de frases seguintes, em que – na ausência de *desde* (frases *b*) – “ $\emptyset$  há X-TEMPO” é sempre interpretado como “ $\emptyset_{em}$  há X-TEMPO” (NB: em todas estas leituras, o tempo verbal expressa anterioridade a PPT – Pretérito Perfeito Simples, Pretérito Mais-que-Perfeito ou Futuro Perfeito):

- (16) a. ?O Paulo esteve a trabalhar desde há cinco horas. ≠  
           (Só parou agora.)
- b. O Paulo esteve a trabalhar há cinco horas.
- (17) a. O Paulo leu três livros desde há três meses. ≠  
       b. O Paulo leu três livros há três meses.
- (18) a. (?)O Paulo alugou este casa desde há três meses. ≠<sup>18</sup>  
       b. O Paulo alugou esta casa há três meses.

Por último, resta considerar os casos em que a expressão “ $\emptyset$  há X-TEMPO” é ambígua, podendo ser interpretada quer como “ $\emptyset_{desde}$  há X-TEMPO” quer como “ $\emptyset_{em}$  há X-TEMPO”. Deve notar-se que, em qualquer das estruturas aqui consideradas, a adição da expressão *atrás* permite desambiguar, forçando à leitura de “ $\emptyset_{em}$  há X-TEMPO” (cf. Viegas 1996: 48-49<sup>19</sup>). Considerarei três situações distintas (a primeira das quais já foi referida na nota 13):

- I. estruturas com formas verbais que expressam sobreposição a um PPT passado, isto é, pretérito imperfeito do indicativo:

- (19) a. O Paulo estava doente há três meses.  
 b. Há três meses, o Paulo estava doente.  
 c. Quando visitei o Paulo, ele estava doente há três meses.

A interpretação de “ $\emptyset$  há X-TEMPO” em estruturas com pretérito imperfeito do indicativo pode ser uma de duas: (i) “ $\emptyset_{em}$  há X-TEMPO”, se o PPT passado (ao qual a situação descrita na frase matriz se sobrepõe) for marcado por “há X-TEMPO” –  $[TP_{pt} \subseteq t_c]$ ; esta parece ser a única interpretação possível nos casos em que esta expressão ocorre no início da frase<sup>20</sup>, como em (19b), ou quando se adiciona a expressão dêictica *atrás* (*o Paulo estava doente há três meses atrás*); é ainda a interpretação obtida com “há X-TEMPO” em final de frase, quando não há outra expressão a marcar o PPT (como na frase (19a), se esta ocorrer isolada); (ii) “ $\emptyset_{desde}$  há X-TEMPO”, sempre que o PPT não é marcado por “há X-TEMPO” –  $[\neg[TP_{pt} \subseteq t_c]]$  –, como em (19c), em que o PPT é marcado pela oração com *quando*.

Observe-se ainda, como curiosidade, uma frase que contém expressões com *haver* dos dois tipos:

- (20) Há uma semana, o Paulo estava doente há três meses.  
 (*há uma semana* é do tipo “ $\emptyset_{em}$  há X-TEMPO”;  
*há três meses* é do tipo “ $\emptyset_{desde}$  há X-TEMPO”)

## II. estruturas com nomes estativos como núcleo da estrutura-matriz:

- (21) [A manutenção do estado de emergência há três meses]  
 foi o principal assunto discutido na reunião.

A expressão *há três meses* aplica-se aqui à estrutura nominal estativa (*a manutenção do estado de emergência*). Duas interpretações distintas são possíveis:

- (i) como “ $\emptyset_{desde}$  há três meses”: a manutenção do estado de emergência dura há três meses e estende-se até ao momento da enunciação; a sequência entre parênteses rectos equivale a: *a manutenção do estado de emergência desde há três meses*;  
 (ii) como “ $\emptyset_{em}$  há três meses”: o estado de emergência esteve em vigor num período três meses anterior à enunciação; neste caso, não há qualquer informação sobre a duração desse estado; o uso de *atrás* evidencia esta interpretação: *a manutenção do estado de emergência há três meses atrás (numa altura em que já há muito deveria ter sido levantado) foi o principal assunto discutido na reunião*.

Interessa ainda verificar que a ambiguidade em causa não se verifica com nomes eventivos: a interpretação é sempre “ $\emptyset_{em}$  há X-TEMPO”. Se não houver quantificação sobre os eventos (do tipo que em Mória 1996 descrevo como

associada a um “full-scanning” do intervalo de localização), a ocorrência de *desde* é bloqueada (por razões que explicito também em Móia 1996 e que não é possível apresentar aqui) – cf. (22b); se houver essa quantificação, a ocorrência de *desde* é possível, mas tem de ser expressa (cf. (23b)) para se obter a interpretação relevante (compare-se (23) com (17), acima):

- (22) a. [A abertura da escola há três meses] foi o principal assunto discutido na reunião.  
 b. \*[A abertura da escola desde há três meses] foi o principal assunto discutido na reunião.
- (23) a. [A abertura de três escolas há três meses] foi o principal assunto discutido na reunião. ≠  
 b. [A abertura de três escolas desde há três meses] foi o principal assunto discutido na reunião.

**III.** estruturas com elipse da forma verbal, que permitem “recuperar” diferentes formas (verbais):

- (24) Europa em guerra há cinquenta anos!  
 (25) “Os ornamentos (...) foram confeccionados nas oficinas da união têxtil de Hakata, (...) onde são empregues técnicas usadas há mais de sete séculos.” (DN, 16.03.1993, p. 34)

Para qualquer uma destas duas estruturas, existem variantes não-elípticas com distintas formas verbais (*está, esteve, estava*, em (24); [*que*] *são, foram, eram* [*usadas*], em (25)). Como ocorrem acima, as estruturas são ambíguas no que respeita à interpretação de “ $\emptyset$  há X-TEMPO”. A ambiguidade é resolvida nas correspondentes versões não-elípticas. Veja-se, por exemplo:

- (26) a. Europa está em guerra há cinquenta anos.  
 (presente → “ $\emptyset_{\text{desde}}$  há X-TEMPO”)  
 b. Europa esteve em guerra há cinquenta anos.  
 (pretérito perfeito → “ $\emptyset_{\text{em}}$  há X-TEMPO”)  
 c. Europa estava em guerra há cinquenta anos.  
 (pretérito imperfeito → “ $\emptyset_{\text{em}}$  há X-TEMPO”)

(NB: em (26c), “ $\emptyset_{\text{desde}}$  há X-TEMPO”, se  $[\neg[\text{TPpt} \subseteq t_c]]$ , como em: *quando o Tratado foi assinado, a Europa estava em guerra há cinquenta anos*)

**3. Outras expressões temporais com *haver***

**3.1. Subtipos de complementos de *haver***

Na secção anterior, analisei estruturas em que o complemento de *haver* é um predicado de quantidades de tempo. Trata-se porventura das estruturas mais frequentes, mas não, como referi no início deste texto, das únicas possíveis. As

expressões temporais com *haver* podem incluir ainda – dado um contexto adequado – (pelo menos) os seguintes três grupos de complementos nominais (em cada caso, distingo dois tipos de construção que serão discutidos adiante):

- A. predicados temporais comuns**, isto é, SN's que integram um nome comum de um intervalo do eixo do tempo e que podemos designar como “nomes de calendário”; estes nomes designam intervalos que recorrem ciclicamente, como, por exemplo, os dias da semana, os meses ou as estações do ano.

Tipo 1: (27) a. Um avião indonésio aterrou neste aeroporto há três domingos (atrás).

b. O Paulo não vai à igreja desde há três domingos.

Tipo 2: (28) a. O Paulo não vai à igreja há três domingos.

b. Um avião indonésio aterra neste aeroporto há três domingos.

- B. predicados situacionais** que referem eventos recorrentes; estes podem ocorrer com uma periodicidade regular (mais ou menos fixa) ou não:

Tipo 1: (29) a. Portugal ganhou uma medalha de ouro em Atletismo há três Jogos Olímpicos.

b. O Paulo não vê o professor desde há mais de cinco aulas.

Tipo 2: (30) a. O Paulo não vê o professor há mais de cinco aulas.

b. O Paulo não come peixe há cinco refeições.

c. O Partido X anda a obter bons resultados há mais de cinco eleições.

d. Este camião TIR não tem problemas há mais de cinco viagens. (Antigamente, avariava com muita frequência no percurso Lisboa-Paris.)

- C.** em certos casos ainda, **predicados que representam objectos**; trata-se de objectos que estão associados a determinados intervalos do eixo do tempo (nos casos abaixo, cigarros, associados ao momento em que são fumados pelo Paulo, ou artigos, associados ao momento da sua produção) e, através dessa associação, ordenados no tempo.

Tipo 1: (31) O Paulo tem estado a fumar cigarros uns atrás dos outros. Há três cigarros atrás começou a tossir.

Tipo 2: (32) A posição dos advérbios temporais é o tema favorito do Paulo. Há não sei quantos artigos que não fala de outra coisa.

Estas diferentes possibilidades mostram que os momentos do eixo temporal representados pelas expressões com *haver* podem ser definidos não apenas através de uma **operação de medição temporal** (como acontece nas estruturas analisadas na secção 2), mas também através da **contagem de entidades (intervalos, eventos ou objectos) ordenados no eixo do tempo**.

Creio que as construções apresentadas acima como tipo 1 são semanticamente distintas das apresentadas como tipo 2. Nas frases de tipo 1, as expressões com *haver* representam intervalos que estão separados do PPT por *n* entidades (e.g. domingos, aulas) ordenadas no eixo do tempo. Nas frases de tipo 2, as expressões com *haver* remetem para somas de *n* entidades que precedem o PPT. Assim, por exemplo, *há três domingos* refere o terceiro domingo antes do PPT (ver discussão adiante), nas frases de tipo 1, e remete para os três domingos que precedem o PPT, nas frases de tipo 2. Para observar melhor esta diferença, consideremos o contraste entre as frases (27b) – *o Paulo não vai à igreja desde há três domingos* – e (28) – *o Paulo não vai à igreja há três domingos*. O facto relevante a notar é que estas frases não são equivalentes. A asserção da frase sem *desde* envolve os três domingos que precederam o PPT e apenas estes dias; a asserção da frase com *desde* envolve todo o intervalo que medeia entre o PPT e o terceiro domingo que precede o PPT, incluindo todos os dias de semana<sup>21</sup>. Assim, por exemplo, se o Paulo tivesse ido à igreja numa quarta-feira, por exemplo, dentro do período relevante, a frase *o Paulo não vai à igreja desde há três domingos* seria falsa; nesse mesmo cenário, a frase *o Paulo não vai à igreja há três domingos* não o seria necessariamente<sup>22</sup>.

Considerarei estas duas construções separadamente. Dedicarei maior atenção à de tipo 1 (na secção 3.2) e considerarei de forma relativamente superficial as de tipo 2 (na secção 3.3).

### 3.2. Construções de tipo 1: expressões com *haver* designadoras de intervalos (simples)

Como disse, nas construções de tipo 1 acima, as expressões com *haver* referem intervalos que estão separados do PPT por um determinado número de instâncias de entidades ordenadas no eixo do tempo (ver formalização adiante). Interessantemente, podem ocorrer também neste tipo de construções os outros membros da classe mais vasta de expressões temporais – do português e de outras línguas – que permitem definir intervalos através de uma operação de medição temporal e que foram referidas na secção introdutória (ex: *dentro de três domingos*, *três domingos depois das eleições*, *a três domingos das eleições*).

Nas estruturas com *haver* e predicados de quantidades de tempo (analisadas na secção 2), como *o Paulo casou há três meses*, o predicado complemento (*três meses*) veicula directamente informação sobre a distância que separa o PPT da situação referida na estrutura matriz. Nalgumas das estruturas de

tipo 1 apresentadas acima, essa informação também é veiculada – nomeadamente, as estruturas de A e as de B que referem eventos com periodicidade regular. A diferença é que ela é obtida nestes casos por inferência, a partir da informação sobre a periodicidade de repetição dos intervalos/eventos relevantes. Assim, por exemplo, dado o “ciclo de repetição” de domingos e Jogos Olímpicos, podem fazer-se as seguintes deduções:

- (33) a. o Paulo casou há seis domingos →  
o Paulo casou há (pelo menos) cinco semanas  
b. Portugal ganhou uma medalha de ouro em Atletismo há três  
Jogos Olímpicos →  
Portugal ganhou uma medalha de ouro em Atletismo há (pelo  
menos) oito anos

Contrariamente ao que acontece nestes casos, em frases que representam eventos de periodicidade irregular, não é possível inferir (na ausência de informação suplementar) a distância entre o PPT e a situação descrita na estrutura matriz. Assim, o intervalo de localização fica definido apenas em relação aos eventos descritos no complemento (não estando associado a uma quantidade de tempo determinada relativamente ao PPT). É o que acontece, por exemplo, em (29b) acima – *o Paulo não vê o professor desde há mais de cinco aulas* –, assumindo que não é conhecido o tempo que medeia entre cada aula.

Passarei agora à análise formal destas construções, concentrando-me nos casos que envolvem nomes comuns do calendário (complementos do tipo A, acima), como *há três domingos*. Ignorarei os aspectos particulares dos outros dois subtipos referidos (expressões com predicados situacionais e predicados que referem objectos), embora creia que o essencial do que aqui observarei se lhes aplica, feitas as devidas adaptações.

As condições interpretativas de expressões como *há três domingos* são consideravelmente distintas das das expressões com predicados de quantidades de tempo (como *há três semanas*), apresentando um grau de complexidade maior. Representarei as expressões a analisar com a forma genérica “há Q PERÍODO(S)”, em que Q representa um quantificador cardinal (que ocorre normalmente nestas expressões) e PERÍODO(S) um nome do tipo de *domingo*. Considerarei que “há Q PERÍODO(S)” é sempre (nas construções de tipo 1, em apreço) uma expressão designadora de intervalos (aplicando-se-lhe, *mutatis mutandis*, o que foi dito acerca de “há X-TEMPO” na secção anterior, sobre a sua ocorrência em posição argumental ou a sua combinação com [*em*], *desde* e *até*<sup>23</sup>).

- (34) [há Q PERÍODO(S) (*t<sub>c</sub>*)] – ex: *há três domingos*

As diferenças fundamentais – relativamente às expressões analisadas na secção 2 – residem na caracterização do intervalo ( $t_c$ ) que estas expressões com *haver* representam.  $t_c$  é agora um intervalo que precede o PPT e é separado deste por um número Q de intervalos que têm as propriedades definidas pelo predicado PERÍODO(S). Assim, a condição (34) deve ser entendida como uma simplificação do seguinte conjunto de condições, que resultam da análise da estrutura interna do sintagma “há Q PERÍODO(S)”:

- (35) a. [PERÍODO\* (T)]<sup>24</sup> } contribuição de PERÍODO(S) (*domingos*)  
 b. [|T| = Q] } contribuição de Q (*três*)  
 c. [beg (t')  $\subseteq$  t<sub>c</sub>]  
 d. [t<sub>c</sub>  $\in$  T]  
 e. [TPpt = end (t')]  
 f. [T =  $\Sigma_{t_{10}}$  [ [PERÍODO (t<sub>10</sub>)  $\wedge$  [t<sub>10</sub>  $\subseteq$  t'] ]<sub>K</sub> ]<sup>26</sup> } contribuição de *haver*<sup>25</sup>

Ou seja:  $t_c$  – o intervalo representado pela expressão com *haver* – é o Q-ésimo PERÍODO no passado do PPT, isto é, no caso ilustrativo em apreço (que passarei a usar como referência), o terceiro domingo a contar (para trás) do PPT. Note-se que: (i) **T** é a soma de todos os domingos contidos num intervalo **t'** (cf. alínea f) que tem como ponto final o PPT (cf. alínea e), os quais são em número de três (cf. alínea b); por outras palavras, **T** é a soma dos três domingos que precedem PPT (dado que **t'** é um intervalo contínuo; cf. definição da estrutura de intervalos em Kamp & Reyle 1993: 668); (ii) sendo  $t_c$  um elemento desta soma (cf. alínea d) – isto é, um domingo – e estando situado na fronteira inicial de **t'** (cf. alínea c), é necessariamente o mais antigo dos três domingos, isto é, o terceiro a contar (para trás) do PPT.

Sobre esta formalização, farei ainda duas observações. Assumi que o intervalo representado pela expressão *há três domingos* (como um todo) – isto é,  $t_c$  – é um domingo (alternativamente, poderia ter assumido uma condição mais fraca que obrigasse apenas, por exemplo, a que o intervalo em causa ocorresse num domingo). Esta análise parece ser requerida por exemplos como os seguintes (com quantificação sobre eventos):

- (36) a. O número de bilhetes (para este museu) vendidos ao domingo é o seguinte: 120 no domingo passado, 110 há dois domingos, 80 há três domingos.

- b. Celebraram-se oito casamentos nesta igreja há três domingos, o que constituiu um novo recorde.

A interpretação destas frases envolve o processamento de todos os eventos relevantes (vendas de bilhetes ou casamentos) que ocorreram no domingo em causa e, portanto, obrigam a que todo ele seja tido em consideração<sup>27</sup>.

A segunda observação sobre a formalização acima diz respeito à relação entre o PPT e os intervalos descritos no complemento de *haver* (no caso, domingos). Começemos por observar que a contagem de domingos se faz para trás no tempo, em princípio de acordo com o seguinte esquema:

$$(37) \quad \text{---|---domingo}_3\text{---|-----|---domingo}_2\text{---|-----|---domingo}_1\text{---|-----}$$

|

$t_c$  (*há três domingos*) PPT

Há todavia uma situação que pode colocar problemas. Trata-se do caso-limite em que o PPT ocorre num intervalo que corresponde à descrição do predicado complemento, isto é, no caso em apreço, quando a enunciação ocorre num domingo. O problema é determinar se esse domingo da enunciação conta ou não como um dos três relevantes (para a contagem mediante a qual se define o intervalo representado pela expressão com *haver*). Os juízos dos falantes são algo hesitantes neste aspecto particular, mas o consenso geral parece ser o de que, na generalidade dos casos, esse domingo não conta como um dos três relevantes

(cf. diferença relativamente às construções de tipo 2, referida adiante); note-se que a definição (35) o exclui, ao impor que os elementos de **T** estejam contidos em  $t'$  (alínea f).

### 3.3. Construções de tipo 2: expressões com *haver* directamente associadas a somas de intervalos

Até agora, analisei casos em que as expressões temporais com *haver* representam intervalos que (i) ou distam uma certa quantidade de tempo do PPT (e.g. *o Paulo saiu há três horas*) – secção 2 – ou (ii) estão separados deste ponto por um determinado número de instâncias de entidades ordenadas no eixo do tempo (e.g. *o Paulo casou há três domingos, o Paulo não vai à igreja desde há três domingos*) – secção 3.2. Há, todavia, um uso das expressões com *haver* (exemplificado nas frases de tipo 2 da secção 3.1) que se distingue destes. Eis dois exemplos ilustrativos:

- (38) a. O Paulo não vai à igreja há três domingos.  
b. Há três domingos que aterriza neste aeroporto um avião indonésio.

Como já foi dito, estas frases constituem asserções acerca do que aconteceu nos três domingos que precederam o PPT e apenas nesses dias. Assim, nas frases deste tipo, a expressão com *haver* não define um intervalo que dista  $x$  quantidade de tempo ou  $x$  entidades do PPT, antes conta (para trás, a partir do PPT) o número de entidades (no caso, domingos) em que se verifica uma determinada situação (no caso, “não-idas” à igreja ou aterragens). Este uso das expressões temporais com *haver* parece verificar-se essencialmente em frases que descrevem situações atéllicas (especialmente situações habituais cujos eventos-constituintes se verificam nos intervalos que correspondem à descrição do núcleo do complemento de *haver* – e.g. domingos)<sup>28</sup> e com tempos verbais que expressam sobreposição a PPT (e.g. presente ou pretérito imperfeito). Estas expressões com *haver* são sempre não preposicionadas e, como também já foi dito, não são equivalentes às correspondentes formas precedidas por *desde* (veja-se discussão acima sobre a oposição entre *o Paulo não vai à igreja desde há três domingos* e *o Paulo não vai à igreja há três domingos*). Deixarei para um trabalho posterior a análise dos aspectos formais desta construção, que, por envolver iteração de eventos, é relativamente complexa. Chamarei no entanto a atenção para um aspecto curioso, a ter em conta na formalização. Tomemos como exemplo a frase (38b), *há três domingos que aterra neste aeroporto um avião indonésio*. Verifica-se que, se a enunciação ocorrer num domingo e nesse domingo já se tiver verificado uma aterragem (isto é, uma instância dos eventos-constituintes do hábito), esse domingo conta como um dos três em causa; se não tiver havido, não conta. Neste aspecto, esta construção distingue-se da construção paralela de tipo 1: *desde há três domingos (atrás) que aterra neste aeroporto*

*um avião indonésio*; como foi dito no final da secção 3.2, o consenso geral entre os falantes parece ser (apesar de algumas hesitações) o de que, caso a enunciação desta frase ocorra num domingo, esse domingo nunca conta como um dos três relevantes.

#### 4. Conclusão

No presente texto, analisei diferentes tipos de expressões com *haver*. Destaquei a possibilidade de frases com a sequência (não preposicionada) “há X-TEMPO” terem uma interpretação equivalente à de frases com “desde há X-TEMPO” e os contextos em que tal equivalência se verifica. Salientei ainda, como questão mais importante, o facto de as expressões temporais com *haver* permitirem definir intervalos do eixo do tempo de duas formas distintas: mediante uma operação de medição temporal ou mediante a contagem de entidades ordenadas no tempo. Este último processo não foi – tanto quanto sei – notado na literatura, nem mesmo para as expressões congéneres noutras línguas, em particular o inglês, onde igualmente se verifica (ex: *three Sundays ago*). Como também referi, o processo em causa é relevante ainda para a análise de um

subconjunto mais vasto de expressões temporais (dêictica ou anaforicamente dependentes), que em português inclui sintagmas como *dentro de X-TEMPO*, *X-TEMPO depois de...* ou *X-TEMPO antes de...*, por exemplo, cuja análise deixo para trabalhos posteriores. Por fim, considerei ainda, de forma relativamente superficial, um uso das expressões com *haver* que envolve referência directa a somas de intervalos e que parece ter de ser distinguido dos outros usos (que envolvem definição de um intervalo simples, separado do ponto de perspectiva temporal por uma dada quantidade de tempo ou por um determinado número de entidades). Remeto também para trabalhos posteriores a análise mais detalhada do uso em causa.

### Notas

1 Estas expressões integram tipicamente a forma (morfologicamente presente) *há*, mesmo em contextos que não envolvem sobreposição a presente – ex: *o Paulo tinha casado há quinze dias*. Todavia, são igualmente possíveis formas como *havia*, *haverá*, *haveria*, etc. (cf. p. ex. Cunha e Cintra 1984, p. 534, ou Viegas 1996, p. 48). É de notar ainda que o verbo *haver* pode ser omitido em certas construções, em especial quando está presente a expressão *atrás* – ex: “O tom *nonchalant* com que João Cravinho explicou que os custos do metro para a Expo tinham aumentado já 27 milhões de contos em relação à previsão feita sete meses atrás é verdadeiramente de pasmar.” (*Público*, 18.07.97, p. 7).

2 É o que acontece, nomeadamente, em estruturas como *há cinco domingos* ou *há cinco refeições*.

3 Cf. p.ex. Bras (1990), que refere a classe dos “adverbiaux qui désignent la zone temporelle en opérant un report de mesure” (p. 199), ou Asher *et al.* (1995), que apresentam como parâmetro relevante para a subclassificação de expressões adverbiais de localização temporal “whether or not the identification of the referent depends on the projection of a length of time on the temporal axis (from some given point)” (p. 109).

4 Ignorarei aqui, por simplificação, as construções com a estrutura “há X-TEMPO que F” ou “desde há X-TEMPO que F”, que considero todavia meras variantes sintácticas das correspondentes “F há X-TEMPO” e “F desde há X-TEMPO”.

5 As posições relevantes podem igualmente ser adnominais (em vez de adverbiais). Não me deterei no presente texto sobre as particularidades das construções com sintagmas com *haver* adnominais.

6 O subscrito “c” é mnemónico para “complemento”.  $t_c$  é “o intervalo representado pelo complemento da preposição temporal (*desde*, *até* ou [*em*], por exemplo)”, em conformidade com a análise que assumo para os casos em que a expressão com *haver* ocorre num contexto adverbial; nestes casos,  $t_c$  pode ser considerado como um intervalo a partir do qual é definido o intervalo de localização da estrutura matriz ( $t$ ), de acordo com as seguintes regras (cf. Mória 1998): (i) com [*em*]: [ $t = t_c$ ]; (ii) com *desde*: [ $\text{beg}(t) \subseteq t_c$ ]; com *até*: [ $\text{end}(t) \subseteq t_c$ ].

7 Análises semelhantes – não formais – foram defendidas recentemente em Viegas (1996) e Garrido (1996). A primeira autora, por exemplo, inclui estas expressões entre aquelas que identificam um intervalo “indirectamente (...), através de uma operação de medição da distância entre o intervalo onde se inclui o PPT e um intervalo que dista [uma determinada quantidade de tempo] (...) desse intervalo” (p. 48).

8 As observações aqui feitas sobre (im)pontualidade dos intervalos representados, são válidas, *mutatis mutandis*, para as outras expressões que permitem definir intervalos mediante uma operação de medição temporal (referidas na secção introdutória) – ex: *daí a* (o Paulo regressou do Brasil em Julho. *Daí a dois meses, esteve novamente em São Paulo durante uma semana*), X-TEMPO *antes / depois* (o Paulo trabalhou dias a fio dois meses antes da festa; o Paulo esteve no hospital durante uma semana dois meses depois de chegar ao Brasil).

9 Creio que há pelo menos dois factos que parecem ir contra a análise que envolve simples elipse da preposição *desde* (e a favor de uma análise que considera tratar-se de duas construções distintas, que – pelas propriedades dos operadores e expressões presentes – se tornam equivalentes): (i) diferente comportamento das sequências em causa no que respeita à combinação com *atrás* – (a) *\*o Paulo não vai à igreja há três meses atrás* vs. (b) *o Paulo não vai à igreja desde há três meses atrás*; (ii) diferente comportamento das sequências em causa, quando o complemento é um predicado temporal (do tipo de *domingo*) em vez de um predicado de quantidades de tempo – (c) *o Paulo não vai há igreja há três domingos* vs. (d) *o Paulo não vai há igreja desde há três domingos*. Este último contraste será discutido na secção 3.1. Aqui, chamarei a atenção apenas para o facto de a asserção da frase (c) envolver apenas os três domingos que precederam o PPT, enquanto que a asserção da frase (d) envolve todo o intervalo que medeia entre o PPT e o terceiro domingo que precede o PPT, incluindo todos os dias de semana. A diferença entre estas duas frases é neutralizada se estiverem envolvidas quantidades de tempo, porque a questão da descontinuidade não se coloca: *o Paulo não vai há igreja há três meses*  $\Leftrightarrow$  *o Paulo não vai há igreja desde há três meses*. Teoricamente, é possível uma análise de frases como *o Paulo não vai há igreja há três meses* sem se recorrer ao operador *desde*; informalmente: em vez de se assumir (i) que a frase assera que a situação de o Paulo não ir à igreja se verifica a partir de um ponto três meses no passado de PPT, e que, por inferência, tem a duração de (pelo menos) três meses [análise com *desde*], assume-se (ii) que a frase assera directamente que, no PPT (para que o operador *haver* remete), a situação tem a duração de três meses [análise sem *desde*]; neste último caso, *haver* terá de ser tratado possivelmente como um verdadeiro operador de medição temporal, do tipo de *durante*, não se lhe aplicando, portanto, as condições formais definidas em (5). Note-se que a informação veiculada é em qualquer dos casos a mesma, variando embora no que respeita ao que é asserido e ao que é inferido. Deixarei para investigação posterior a tarefa de averiguar qual é a hipótese de análise mais adequada.

10 Estas duas formas correspondem ao que Garrido (1996: 104ss.) designa “valor exclusivamente localizador” e “valor de medição e localização” destas expressões, respectivamente. Em Viegas (1996: 48ss.), encontramos também uma oposição semelhante. Esta ambiguidade das expressões com *haver* também é notada em Ilari (1993: 177).

11 Garrido (1996: 104ss.) descreve também contextos em que surge uma ou outra interpretação. A autora considera o tempo verbal como factor determinante: “as formas verbais determinam, por si sós, a separação dos dois valores” (pp. 104-105). Aqui, além de introduzir casos não contemplados pela autora (estruturas com formas de futuro, estruturas elípticas de verbo ou estruturas não-verbais, por exemplo), relaciono a distribuição directamente com o tipo de localização temporal – e indirectamente com o tempo verbal –, por me parecer a relação mais perspicua e relevante. Note-se, por exemplo, a existência de variação em estruturas sem verbo, como (21)-(23). Além disso, ocupo-me das estruturas explicitamente preposicionadas com *desde*, que – com excepção dos casos envolvendo Pretérito Perfeito Composto – Garrido não considera.

12 Sobre o valor expresso pelas formas verbais, cf. Peres (1993).

13 Nas estruturas com pretérito imperfeito do indicativo (na frase matriz), “ $\emptyset$  há X-TEMPO” não tem o valor de “ $\emptyset_{\text{desde}}$  há X-TEMPO”, mas sim o de “ $\emptyset_{\text{em}}$  há X-TEMPO”, quando o PPT (passado), a que a situação descrita na matriz se sobrepõe, é marcado pela própria expressão “há X-TEMPO”, como, por exemplo, acontece na frase *há três meses, o Paulo estava doente* (V. adiante).

14 Alguns falantes rejeitam a combinação de pretérito perfeito composto com “há X-TEMPO” (sem *desde* explícito), considerando muito marginais, ou mesmo agramaticais, sequências como *o Paulo tem estado doente há mais de três meses*. É este, por exemplo, o juízo de Garrido (1996: 107).

15 As estruturas com descrições de situações atéllicas, Pretérito Perfeito Simples e expressão adverbial com *desde* têm um uso fortemente condicionado; requerem que a situação relevante tenha terminado pouco antes do PPT: cf. *o Paulo esteve a trabalhar desde o meio-dia; só parou agora*; com “desde há X-TEMPO”, este tipo de estruturas parece algo marginal.

16 Sobre a localização inclusiva com *desde*, v. Mória (1995, 1996)

17 Sobre o conceito de “localização durativa derivada”, v. Mória (1994). A gramaticalidade das estruturas com este tipo de leitura varia com o tipo de predicado. Por exemplo, frases com predicados do tipo de *perder* parecem mais marginais que frases com *alugar* quando ocorrem expressões puramente temporais no complemento da preposição (cf. marginalidade de (a) a seguir vs. alguma estranheza de (18a)): (a) ??*o Paulo perdeu o medo de andar de avião desde há três meses*  $\neq$  (b) *o Paulo perdeu o medo de andar de avião há três meses*.

18 Se o estado consequente do evento pontual se verificar no momento da enunciação – isto é, para este par de frases, se a casa ainda estiver alugada –, as duas frases veiculam *grosso modo* a mesma informação. No entanto, creio que a frase *b* apenas localiza um

aluguer no passado, nada afirmando sobre se este se mantém ou não no presente; contrariamente, a frase *a*, com *desde*, assere explicitamente que o estado resultante do aluguer se verifica no presente. Esta observação aplica-se, *mutatis mutandis*, à generalidade das frases com “leitura durativa derivada”.

19 A autora refere que as expressões “há *n x atrás*” só apresentam valores de localização temporal, isto é, na terminologia que aqui utilizo, são sempre interpretadas como “ $\emptyset_{em}$  há X-TEMPO (atrás)”. Deve notar-se, no entanto, que esta generalização, que parece válida para as estruturas “há X-TEMPO” não-preposicionadas, parece não ser extensível às correspondentes estruturas preposicionadas com *desde*: (a) *o Paulo está no Canadá {há cinco anos / \*há cinco anos atrás}* (Viegas, 1996: 49); (b) *o Paulo está no Canadá desde {há cinco anos / há cinco anos atrás}*. Estes exemplos mostram que a obtenção de uma leitura durativa nas frases com *atrás* requer, ao contrário daquelas em que esta expressão não está presente (cf. casos já analisados acima), a presença de *desde*.

20 Garrido (1996: 106) também nota que “se a expressão adverbial [**há x**] estiver no início da frase [em frases com Pretérito Imperfeito], a leitura de localização é a única possível”.

21 Quando as frases representam hábitos constituídos por iteração de determinadas situações, estas parecem ter de ocorrer dentro dos subintervalos referidos no predicado-complemento (e.g. domingos), tanto nas construções com *desde* como nas construções sem *desde* – cf (c)-(d) abaixo. Todavia, há um contraste entre as duas construções, que mostra que os períodos intermédios (entre os subintervalos em causa) são relevantes no primeiro tipo de construções, mas não no segundo – cf. (a) vs. (b). Exemplificarei estas afirmações com a frase afirmativa, mais simples, *um avião indonésio aterra neste aeroporto {desde há / há} três domingos* (mas estes exemplos podem ser adaptados para a frase negativa em apreço, *o Paulo não vai à igreja {desde há / há} três domingos*):

- (a) Um avião indonésio aterra neste aeroporto desde há três domingos, todos os dias.
- (b) \*Um avião indonésio aterra neste aeroporto há três domingos, todos os dias.
- (c) ??Um avião indonésio aterra neste aeroporto desde há três domingos, só às terças-feiras.
- (d) \*Um avião indonésio aterra neste aeroporto há três domingos, só às terças-feiras.

22 A interpretação de (28) é semelhante à da frase *o Paulo não foi à igreja nos últimos três domingos* (com a diferença de que a situação é vista de um ponto de perspectiva temporal presente – *não vai* – e, portanto, apresenta um valor de tipo habitual).

23 Vejam-se os exemplos: (a) *os problemas datam de há três domingos (atrás)*; (b) *este avião aterrou no aeroporto da Portela há três domingos (atrás)*; (c) *este avião aterra no aeroporto da Portela desde há três domingos*; (d) *este avião costumava aterrar no aeroporto da Portela pelo menos até há três domingos (atrás)*.

24 Estas construções parecem requerer uma estrutura booleana de intervalos, que não está presente em Kamp e Reyle (1993). Não é possível discutir aqui as implicações formais desta extensão do tratamento dos plurais ao domínio dos intervalos (entidades concebidas em Kamp e Reyle 1993 como conjuntos de instantes). Observe-se no entanto

que o somatório de intervalos – por exemplo, domingos – pode ser definido de tal forma que: (i) tenha como átomos domingos (concebidos como uma espécie de átomos complexos) – o que, por facilidade vou assumir – ou (ii) tenha como átomos os instantes que formam esses domingos. No segundo caso, teria de se ter em conta o seguinte: (i) a condição de cardinalidade – na alínea b – teria de ser definida de forma a “contar” apenas os conjuntos de instantes da soma que correspondem a domingos e não todos os instantes (em número infinito); (ii) visto que a relação de pertença – na alínea d – não garantiria que  $t_c$  fosse um domingo, teria de se acrescentar a condição [PERÍODO ( $t_c$ )].

25 O contributo de *haver* varia relativamente a (5) essencialmente nas condições das alíneas d e f (que envolvem **T**). Estas condições dizem respeito à relação entre *haver* e o seu complemento, sendo pois naturalmente variáveis em função deste. Formalmente, estas diferenças requerem que a regra de construção de DRS’s associada a *haver* seja sensível aos traços associados ao nó-complemento.

26 **K** é uma sub-DRS cujo universo contém o referente discursivo  $t_{10}$  e as duas condições dadas entre parênteses.

27 Cf. Mória (1996), sobre construções deste tipo, que envolvem “full-scanning” do intervalo de localização.

28 Aliás, se os eventos-constituintes do hábito só ocorrerem neste tipo de intervalos, a construção em causa (com *há* não preposicionado) é fortemente preferida à construção com *desde há*: *o Partido Popular não ultrapassa 10% (?desde) há mais de cinco eleições*.

### Referências

- ASHER, Nicholas, Michel Aurnague, Myriam Bras and Laure Vieu: 1995, “Spatial, Temporal and Spatio-temporal Locating Adverbials in Discourse”, in Pascal Amsili, Mario Borillo and Laure Vieu (eds.), *Workshop Notes of the 5<sup>th</sup> International Workshop on Time, Space and Movement TSM’95*, pp. 101-119
- BRAS, Myriam: 1990, *Calcul des Structures Temporelles du Discours*, Ph.D Thesis, Université Paul Sabatier de Toulouse.
- CUNHA, Celso e Luís F. Lindley Cintra: 1984, *Nova Gramática do Português Contemporâneo*, Edições João Sá da Costa, Lisboa.
- GARRIDO, Ana Maria: 1996, *Expressões Temporais de Duração em Português Europeu*, diss. de Mestrado, Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa.
- ILARI, Rodolfo: 1993, “Sobre os Advérbios Aspectuais”, in Rodolfo Ilari (org.), *Gramática do Português Falado*, vol. II, Editora da UNICAMP, Campinas, SP, 2<sup>a</sup> ed., pp.151-192.
- KAMP, Hans & Uwe Reyle: 1993, *From Discourse to Logic. Introduction to Modeltheoretic Semantics of Natural Language, Formal Logic and Discourse Representation Theory*, Kluwer, Dordrecht.
- LEECH, Geoffrey: 1969, *Towards a Semantic Description of English*. Longmans, London.

- MÓIA, Telmo: 1994, “Aspectos da Semântica das Expressões Temporais com *desde* e *até* – Questões de *Aktionsart*”, *Actas do X Encontro Nacional da Associação Portuguesa de Linguística*, Lisboa, pp. 341-358.
- MÓIA, Telmo: 1995, “Leitura Inclusiva de *Achievements* e *Accomplishments* em Frases com Expressões Temporais com *desde*”, *Cadernos de Semântica* **23**, Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa.
- MÓIA, Telmo: 1996, “Quantification over Events as a Constraint on the Distribution of Non-Punctual Temporal Adverbials”, comunicação apresentada na *Conference on Non-Lexical Semantics*, Universidade de Paris VII, França, Junho de 1996, *ms.* não-publicado.
- MÓIA, Telmo: 1998, “On the Semantics of Temporal Connectives Expressing *Anteriority* and *Posteriority*”, comunicação apresentada na conferência *The Syntax and Semantics of Tense and Mood Selection*, Bérghamo, Itália, Julho de 1998.
- PERES, João Andrade: 1993, “Towards an Integrated View of the Expression of Time in Portuguese (First Draft)”, *Cadernos de Semântica* **14**, Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa.
- VIEGAS, Maria Filomena: 1996, *Aspectos da Semântica dos Localizadores Temporais em Português*, diss. de Mestrado, Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa.